

LUIS FERNANDO VERISSIMO E O RISO

Giuliana Capistrano Cunha Mendes de Andrade¹, Marlise Vaz Bridi²

¹ Universitas -Centro Universitário de Itajubá/Instituto de Ciências Humanas, Av. Doutor Antônio Braga Filho, 687, 37500-000, Itajubá, MG, gcapistrano@lna.br

² USP - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas Rua do Lago, 717 – Cidade Universitária, São Paulo, SP, mvbridi@uol.com.br

Resumo: A obra de Luís Fernando Veríssimo já tem lugar consolidado no vasto cenário da produção artística brasileira contemporânea. Embora seu sucesso seja notório junto ao público, permanece distante das discussões acadêmicas. Nenhum estudioso literário, até o presente momento, interessou-se em esmiuçar a obra do autor. O artigo procura explicar a ausência de fortuna crítica em relação à obra de Luis Fernando Verissimo, bem como expor algumas teorias do riso que contribuem para a percepção da profundidade dos pensamentos do escritor e de seus objetivos encobertos pelas situações cômicas, humorísticas, satíricas ou chistosas.

Palavras-chave: Comichidade, riso, Luis Fernando Veríssimo.

Área do Conhecimento: Lingüística e Artes.

Introdução

A obra de Luís Fernando Veríssimo tem destaque no amplo cenário da produção artística brasileira contemporânea. O autor gaúcho, nascido na primeira metade do século passado e filho de Érico Veríssimo, um dos maiores escritores nacionais, já publicou mais de 40 livros. Suas mais relevantes personagens e crônicas foram adaptadas para diversos programas de televisão e alcançaram os palcos do teatro. Seus textos são analisados nos mais recentes livros didáticos e servem de base para questionamentos em exames de admissão no curso superior, bem como para avaliação dos recém-graduados. Seus livros são considerados *best-sellers* e figuram nas listas dos mais vendidos por vários meses. Luís Fernando Veríssimo escreveu, durante anos, para os mais importantes veículos de informação do país, como o *Jornal do Brasil*, *O Estado de São Paulo* e a revista *Veja*. Contribuiu atualmente para o período carioca *O Globo* e o gaúcho *Zero Hora*. Constantemente homenageado em todo o país, recebeu diversos prêmios, entre eles o de “Intelectual do ano de 1997”, a “Medalha de Resistência Chico Mendes” e o “Prêmio de Isenção Jornalística”. Além de ter sido colaborador e roteirista de consagrados programas humorísticos da televisão, como a *TV Pirata*, o *Programa do Jô* e o homônimo de seu livro *Comédias da Vida Privada*, Luís Fernando Veríssimo ainda brilha nas histórias em quadrinhos. Suas mais famosas “tirinhas”, batizadas de *As cobras*, deixaram de ser escritas depois de 24 anos ininterruptos, causando a indignação e o protesto de milhares de fãs. Embora seu sucesso seja notório junto ao público, Luís Fernando Veríssimo permanece distante das

discussões acadêmicas. Nenhum estudioso literário, até o presente momento, interessou-se em esmiuçar a obra do autor.

O trabalho pretende explicar a ausência de fortuna crítica em relação à obra de Luis Fernando Veríssimo e expor as vertentes do riso trabalhadas pelo autor para que possamos perceber a profundidade de seus pensamentos encobertos pela comichidade e pela aparente banalidade do riso.

Materiais e Métodos

Para melhor compreendermos os textos de Luís Fernando Veríssimo precisamos conhecer, primeiramente, as diversas manifestações do riso. Em contato com as mais relevantes teorias sobre o assunto, somos capazes de apreender e identificar os diferentes conceitos de cômico, chiste, humor e sátira e os efeitos obtidos com a utilização de cada um dos modos do risível. Na sintética apresentação das teorias iremos nos deparar com os pensamentos de Henri Bergson em sua obra intitulada *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*, as considerações de Sigmund Freud em *O chiste sua relação com o inconsciente*, o ponto de vista de Vladímir Propp no livro *Comichidade e riso*, entre outros escritores que estudaram o tema, como Schopenhauer, Kant, Menucci, Bakhtin e o mais recente estudo sobre o riso na obra *O riso e o risível na história do pensamento*, de Alberti Verena.

São os estudos do riso desde a Antigüidade, porém, que utilizamos para marcar as duas vertentes mais recorrentes na obra de Veríssimo. A primeira, apontada por Platão, sugere o riso como pura liberação de prazer, enquanto a segunda, inaugurada por Aristóteles na renomada

Arte Poética, propõe a utilização do riso como arma para a punição dos costumes sociais.

Necessário se faz, portanto, conhecer algumas das mais relevantes teorias, alcançando, assim, a capacidade de desvendar os mecanismos utilizados na escrita de Luís Fernando Veríssimo para produzir o riso e sua visão de mundo. Segundo Mennucci (1934: 17), além das técnicas, Veríssimo emprega seu “espírito lúcido e perspicácia para surpreender, perceber e compreender os conflitos entre as aspirações do homem e as possibilidades que lhes ensancham o viver gregário e as leis da natureza; argúcia para saber decifrar as almas alheias pelos traços fugidios e inconscientes que afloram ao exterior, virando-as pelo avesso; inteligência e tato fino para apanhar, de relance, a extensão e a profundidade dos problemas humanos e sociais, intuindo, quase adivinhando, as relações existentes entre eles.”, características que devem existir em todos aqueles que fazem uso do riso.

Resultados

A ausência de fortuna crítica pode ser explicada, num primeiro momento, por se tratar de um escritor contemporâneo, atraindo uma cautela compreensível devido a incerteza da solidez de seus textos. Aliado a essa consideração, podemos acrescentar que toda sua produção literária baseia-se na escritura de crônicas, gênero ainda sem sustentação teórica completa, mas que carrega a marca do registro do instante, transmitindo ao texto a sensação de fragilidade temporal. Machado de Assis, Lima Barreto, Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e outros grandes ícones da literatura nacional, embora tenham escrito crônicas, têm apenas seus romances ou novelas lembrados, debatidos e estudados.

A crônica é presença marcante na literatura brasileira contemporânea, tanto pela quantidade dos cronistas no cenário nacional quanto pela qualidade de seus escritos. Mas as tentativas de elucidação do gênero são acompanhadas muito mais de perguntas do que de respostas e ainda enfrentam problemas de outra ordem. Segundo Portella (2000: 3), “a crônica de jornal, mesmo que progressivamente consolidada, jamais conseguiu evitar os preconceitos da teoria opulenta predatória, toda interessada em dividir o trabalho da linguagem em gêneros maiores e espécies menores. Diga-se em seu abono que a crônica nunca levou muito a sério essa trama virtuosa que se tecia ao seu redor. E tem sido assim: desclassificada, a crônica não tarda em se impor como entidade inclassificável. Dir-se-ia até saudavelmente desdenhosa das classificações.”

As reticências em relação à obra de Veríssimo não se findam no terreno arenoso de sua

contemporaneidade ou nas dificuldades de delimitação da crônica. Os textos do autor partem, quase sempre, de uma realidade aparentemente banal e, invariavelmente, apresentam uma situação risível. E o riso, apesar de ser objeto de estudo de diversos teóricos desde a Antiguidade, permite ainda inúmeros questionamentos sem elucidação, bem como a sensação de relativa importância devido a supremacia do pensamento considerado sério, tanto no mundo literário quanto no filosófico.

A arte que abarca o riso foi, em diversos momentos históricos, relegada a segundo plano, prestando-se somente para a liberação das tensões. O riso foi marginalizado até mesmo por alguns daqueles que se propuseram a estudá-lo, considerando-o, assim como a crônica na atualidade, uma forma menor de representar a realidade. Ainda que creditada sua importância pelos estudiosos do assunto, esta se apresenta de forma relativa e, quando confrontada com a importância das formas de pensamento consideradas sérias, o riso não seria capaz de apresentar considerações relevantes.

Discussão

Diante de tantas dificuldades, por que se dedicar a estabelecer uma tipologia do riso na obra de Luís Fernando Veríssimo? Independentemente do imenso fascínio que seu texto desperta, Luís Fernando Veríssimo expõe uma problemática intrincadamente séria, camuflada pela superficial aparência de banalidade da crônica e da relativa importância do riso. As teorias do ridículo contribuem para a percepção da profundidade dos pensamentos do escritor e de seus objetivos encobertos pelas situações cômicas, humorísticas, satíricas ou chistosas.

Conclusão

As crônicas de Luís Fernando Veríssimo trilham dois caminhos. Num primeiro momento, percebemos a utilização do riso como provocação de reflexões em torno dos costumes. Atrás da comicidade das crônicas “Anônimos” e “Realismo” encontramos a utilização do riso como arma para a denúncia de comportamentos da sociedade. Retomando as considerações que vão de Aristóteles a Bergson, Veríssimo consolida a função social do riso, consagrada na divisa latina *castigat ridendo mores*, ou seja, rindo, os costumes são castigados. A análise das crônicas permite a percepção das técnicas empregadas, bem como dos efeitos de sentido objetivados pelo autor. Ao descortinamos o que está por trás da comicidade, encontramos uma realidade que precisa ser repensada, pois, “exteriormente, em sua camada superficial, o riso deforma

intencionalmente o mundo, faz experimentos com ele, priva o mundo de explicações racionais e ligações de causa e efeito, etc. Mas, destruindo, o riso ao mesmo tempo constrói: ele cria o seu antimundo fantástico, que traz em si determinada concepção do universo, determinada relação com a realidade ambiente. Esta relação do riso com a realidade é variável nas diferentes épocas e em diferentes povos." (SCHNAIDERMAN, 2000).

Demonstramos essa nova situação proposta por Veríssimo aliando as formas do riso em que estão inseridas ao emprego das técnicas desenvolvidas pelos teóricos que se propuseram a elucidar os mistérios do assunto.

Deleitando-se com a língua portuguesa, Luís Fernando Veríssimo demonstra suas imensas possibilidades de provocar o riso. Embora possamos encontrar mais exemplos desse tipo de comicidade na vastidão de sua obra, selecionamos algumas crônicas que melhor representam o emprego das técnicas do risível para o que, em um primeiro instante, parece ser apenas o encontro do prazer. "Defenestração", "Palavreado", "Bons tempos", e "O gigolô das palavras" servem para a comprovação de que o riso na linguagem esconde algo mais do que uma simples liberação das tensões. As duas primeiras crônicas foram extraídas da recente coletânea *Comédias para se ler na escola*; encontramos "Bons tempos" no livro batizado de *Zoeira* e a crônica "O gigolô das palavras" nomeia a obra em que foi publicada.

Assim como na vertente encabeçada por Aristóteles, que demonstra que riso se presta para punir os costumes, a linguagem empregada por Veríssimo como mecanismo para o surgimento de situações cômicas também serve para apontar uma realidade escamoteada pelo riso. A simples liberação de tensão e prazer, proposta por Platão e defendida por Freud, cede lugar para as reflexões em torno da linguagem e seu funcionamento.

A proposição de uma tipologia do riso na obra de Luís Fernando Veríssimo, portanto, divide-se em duas partes. Na primeira, encontramos a vertente do "punir pelo riso", inaugurando assim o primeiro tipo de riso suscitado pela pena de Luís Fernando Veríssimo. A última parte propõe uma segunda tipologia do riso na obra do autor. A aparente brincadeira com a linguagem apresenta-se afinada com as considerações de liberação de prazer apontadas por Platão. Após observarmos as crônicas de Luís Fernando Veríssimo, somos capazes de perceber, além dos dois tipos de riso encontrados nos textos de Luís Fernando Veríssimo, "um segundo mundo e uma segunda vida" (BAKHTIN, 1999:4), proposto pelo riso.

Referências

VERÍSSIMO, Luís Fernando. *Comédias da Vida Privada*. Porto Alegre: L&PM, 1994.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. *O Gigolô das Palavras*. Porto Alegre: L&PM, 1982.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. *Zoeira*. Porto Alegre: L&PM, 1982.

ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Zahar/FGV, 1999.

ARISTÓTELES. *Arte retórica e Arte poética*. Tradução e comentários de Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. Brasília: Ed. Univ. de Brasília - HUCITEC, 1999.

BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

CANDIDO, Antonio. *et alii. A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

FREUD, Sigmund. *O chiste e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KANT, Imanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1992.

KAYSER, Wolfgang. *O grotesco*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

KIERKEGAARD, Soren Aabye. *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1991.

MENNUCCI, Sud. *Humor*. São Paulo: Editora Piratininga, 1934.

PLATÃO. *Diálogos*. Belém: Universidade Federal do Pará, 1973. v. 8.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da língua: análises lingüísticas de piadas*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

POSSENTI, Sírio. *Os humores da palavra*. GEL, XXIII *Anais*, São Paulo: 1994, vol. II, p. 1177.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.

SCHNAIDERMAN, Boris. In: www3.estado.com.br/editoriais/2000/08/13/cad718.html.